

Para quebrar o ciclo
que assombra gerações,
ela deve mergulhar nos
segredos de família



CAROLINA FLÓREZ-CERCHIARO

BOCHICA



FARO
EDITORIAL

**CAROLINA
FLÓREZ-CERCHIARO**

BOCHICA

Tradução
LUCIANA DIAS

 **FARO
EDITORIAL**



*Para Ana, que me ensinou a amar histórias
— minha preferida foi a nossa.
Saudades de você.*

UNO



AS PESSOAS ESTÃO SEMPRE SUJEITAS À INFLUÊNCIA DE ESPÍRITOS.

Antonia se apoiou na mesa de madeira e ficou encarando as palavras entalhadas na parede de concreto cinza acima do quadro-negro. Não gostou do aviso por não acreditar na veracidade daquelas palavras, mas as freiras teimavam que as meninas precisavam aprender sobre a fraqueza da carne e da alma.

A sombra enevoadada do incenso queimado se instalou na sala, mas não encobriu o cheiro terroso de cemitério. Os galhos mortos da *nogal* batiam com estalos nas janelas em arco e com vitrais meio abertos; o frio se infiltrava por elas, subindo até suas narinas, descendo pela sua garganta. Antonia engoliu em seco. Quando é que essa sombra sufocante enfim passaria por Bogotá?

Gotículas de chuva bateram no seu rosto. Antonia fechou o zíper do casaco de lã preto e correu entre as jovens — curvadas sobre seus cadernos nas mesas gastas de madeira — para fechar as janelas, depois enxugou as mãos no tecido grosso de seu vestido preto.

Deu uma olhada nas suas alunas, e ao alcance da mão estavam o Catecismo e a Bíblia. Antonia balançou a cabeça; as meninas passavam horas sendo ensinadas sobre o que dizer e pensar.

Enquanto meninos aprendiam matemática, álgebra e geometria, meninas aprendiam tudo relacionado à economia doméstica. Não se exigia nada além de operações matemáticas simples.

Embora já fizesse mais de um ano que Antonia trabalhava na Escuela para Señoritas de Bogotá, ainda não estava acostumada ao que as freiras chamavam de “nutrir as mentes das jovens”.

As meninas aprendiam boas maneiras; como ser boas filhas, dóceis e bondosas; futuras esposas e mães obedientes e atenciosas. A maioria delas estaria casada aos quatorze anos. Se tivessem sorte, não se casariam até os dezoito ou vinte anos. Mas essas eram exceções. E mesmo assim, seriam mantidas em

cativeiro. Cativeiro da sua condição como mulheres. Fadadas a uma vida de serviço aos homens, determinadas por crenças religiosas.

Afinal, quando uma mulher ousava sair de casa, isso era malvisto. As obrigações de uma mulher só podiam ser relacionadas a casa.

Não havia nada que pudesse fazê-las ao menos considerar a ideia de sair de casa.

Durante algum tempo, Antonia ansiou por ir embora apesar do que as pessoas falariam. Sonhava em ir para Paris, Londres, Roma e Istambul. Em estudar as origens da literatura gótica onde tudo começou.

Diferente dessas meninas, que estudavam numa escola católica, quando Antonia era criança, ela, na maior parte do tempo, teve aula de matemática, álgebra e geometria com Carmela. Mesmo assim, a posição de vida de Antonia não era melhor do que de qualquer outra mulher.

Então, ali estava ela.

Apenas mais algumas horas até o dia enfim terminar. Ela saiu do seu torpor e continuou a aula:

— Mas a influência dos demônios, como conhecemos das escrituras e da história da Igreja, vai ainda mais além...

Antonia queria poder contar às meninas que possessão demoníaca era uma coisa tão fantasiosa quanto qualquer outro conto popular que lhes contavam. Assim como La Llorona — o espírito de uma mulher de luto em busca do seu filho morto — ou La Patasola, uma criatura de uma perna só, com forma de mulher e uma voracidade por carne e sangue humano feito um vampiro.

O estômago de Antonia se embrulhou ao pensar que, na Colômbia de 1936, os monstros eram mulheres.

— O diabo pode atacar o corpo de alguém por fora ou assumir o controle dele... *por dentro*. — Antonia escolhia suas palavras enquanto mantinha o olhar fixo nas meninas tensas nos seus assentos, o pânico refletido nos olhos. Aquilo era terrorismo.

Ela colocou a *Enciclopédia Católica* em cima da mesa; por um tempo seus olhos castanhos fitaram o livro colossal encadernado em couro azul-marinho. Sentiu um aperto no peito. Ela era cúmplice dessa lavagem cerebral.

Uma mão levantou nos fundos da sala mal iluminada e trouxe o foco de Antonia de volta a seu público. Ela acenou com a cabeça, e uma menina de cabelo preto saiu hesitante da sua mesa.

— Senhora Rubiano, como sabemos... — A menina parou, os cotovelos pressionados dos dois lados do seu uniforme bege, fazendo com que ela parecesse ainda menor. — Como sabemos quando alguém está possuído pelo... — A voz da menina foi falhando como se ela nem ousasse falar a palavra.

Diabo.

Antonia coçou a testa e refletiu sobre o que falar a seguir. Para ela, possessões não passavam de uma doença do corpo vista erroneamente como obra do sobrenatural. O único fantasma que de fato já a assombrara de verdade era o seu arrependimento. Poderia ter escapado, mas agora era tarde demais. E ela precisava viver com as consequências das suas escolhas. E essas costumavam ser as cargas mais pesadas.

— Não há prova real de que isso acontece — Antonia enfim falou, sem responder à pergunta de Esperanza, mas torcendo para que fosse suficiente. A última coisa que ela queria era aterrorizar mais essas meninas. — Na maioria das vezes, essas... *possessões* não são reais.

O foco de Antonia disparou pela sala. Pendurados nas paredes de cor opaca havia afrescos cristãos calafetados, as molduras enferrujadas pelo estrago do tempo, retratando diferentes figuras religiosas, de um retrato do jovem Pio XI a um de Francisco de Assis — a primeira pessoa alegadamente a sofrer estigmas — a uma pintura da Ressurreição. Desta última, seus olhos nunca conseguiam pular. Ela se arrepiava toda vez, então precisava se forçar a desviar os olhos.

Uma espiral de medo desceu pela nuca de Antonia. Mas havia mais do que apenas medo ali, havia incerteza por baixo daquilo também.

Pessoas mortas permanecem mortas. Se não permanecessem, *mamá* de Antonia não estaria de volta?

— Como sabemos? — insistiu Esperanza.

Antonia inspirou fundo, tirou um pedaço de giz do casaco e virou o rosto para o quadro-negro.

— Movimentos atípicos e violentos — disse, enquanto escrevia essas palavras com a mão direita, sentindo uma pontada nos tímpanos com o arranhar no quadro-negro. — Tremer, gemer e proferir palavras estranhas e desconectadas. Ter respostas para perguntas para as quais a pessoa jamais saberia a resposta...

O som das batidas do seu coração golpeou suas orelhas enquanto as imagens rodavam na sua mente como peças antigas de quebra-cabeças, gastas, desbotadas. Antonia sabia que estavam trancadas em algum lugar no seu cérebro, mas às vezes preferia não acessá-las.

Papá preso a uma cadeira com correntes e terços, velas como única fonte de luz. Ele tenta escapar. Se contorce e grita tão alto que esquece que está gritando. Então para. Esfrega as duas mãos, murmurando para si, e se inclina para a frente, enquanto os cânticos em latim do padre Juan e das freiras ficam cada vez mais altos e rápidos. Há uma escuridão em papá que se espalha dentro do quarto já escuro. O canto

para e, conforme papá inclina a cabeça para cima, devagar, seus olhos se abrem, sem nada além do branco. Sangue da sua boca e olhos jorra para sua camisa branca. Ele sorri e fica completamente imóvel por um tempo. Então sua expressão fraqueja; ele parece atordoado e confuso. Padre Juan se aproxima dele e coloca uma toalha molhada em água benta na sua testa, e então o canto é retomado. Com uma última convulsão, papá força o “demônio” para fora antes de desmoronar no chão.

Os pensamentos de Antonia a deixaram agitada. Ela estendeu o braço para pegar o copo de água na mesa e engoliu o líquido morno de um gole só numa tentativa de acalmar seu coração, que ameaçava sair para fora do peito. Depois de alguns segundos que pareceram minutos, ela conseguiu se recompor. A lembrança escapara do canto mais profundo da sua mente. Aqueles lugares sombrios... precisava parar de acessá-los se quisesse seguir em frente. Ou talvez a única maneira de conseguir seguir em frente fosse confrontando-os, como Carmela a lembrava com frequência. Mas como ela algum dia superaria tantas mortes enquanto mantinha o que restava da sua família unida? Não podia se dar ao luxo de pensar em nada daquilo agora. Não. Ela e seu *papá* mal sobreviveram, e Antonia não podia colocar a frágil recuperação dos dois em risco.

Antonia inspirou fundo de novo antes de retomar a aula. Não deixaria a catequese afetá-la também. Chega de cavar seu passado. Se ela quisesse que os sonhos parassem.

— De vez em quando, a pessoa se torna incapaz de rezar, profere blasfêmias ou exhibe pavor ou ódio por objetos ou pessoas sagradas — continuou ela. — Entretanto, estudos científicos tratam essas coisas como manifestações psicofísicas, que devem ser tratadas com medicação. Loucura e paralisia, por exemplo, muitas vezes são confundidas com possessão. Os resultados são então atribuídos a um agente diabólico quando, na verdade, são devido a causas naturais...

A porta se abriu.

Antonia hesitou no lugar e vacilou ao se virar.

La madre superiora deu um passo na soleira da porta. Um arrepio varreu Antonia, eriçando os pelos finos e castanho-acinzentados da sua pele com a imagem da freira idosa se aproximando dela. Ela gelou e ficou imóvel.

A voz de madre Asunción trovejou pela sala.

— Tenho certeza de que a senhora Rubiano não quis negar a existência de tal fenômeno. — Ela fez uma careta para Antonia, então seus olhos dispararam para as meninas, que foram logo se ajoelhando, com a pele exposta no chão frio de pedra, os olhares fixos nos colos enquanto começavam a rezar baixinho para si mesmas.

O medo se enroscou na boca do estômago de Antonia. Pelos brancos nojentos no queixo de madre Asunción escapavam do véu marrom do hábito e balançavam junto com o vento úmido que entrava pela porta agora aberta. Antonia estremeceu e os dedos dos seus pés se curvaram dentro dos seus sapatos de couro preto, mas ela se forçou a não desviar o olhar. Não era a presença de madre Asunción que perturbava Antonia, eram as lembranças que ela trazia consigo.

O ar ficava mais pesado a cada passo lento que madre Asunción dava pela sala. Seus pés afundavam e a barra empoeirada do seu hábito virou uma chave e destravou algo do passado de Antonia. Algo que Antonia não ousara encarar.

Antonia estudou naquela mesma escola e, apesar de não vir de uma família católica, seus pais não tiveram escolha a não ser deixar sua educação para as freiras. Para uma menininha da idade dela, naquele tempo não havia muitas opções. Mas não demorou muito para as freiras a considerarem inadequada para a instituição e acharem melhor, apesar das doações de seu *papá* à igreja, que ela fosse expulsa. Antonia era, afinal de contas, filha de sua *mamá*, o que representava uma ameaça para tudo o que as freiras acreditavam.

— Qualquer que seja a visão que os racionalistas escolham adotar, para um crente convicto, não há dúvidas de que a possessão é possível.

Madre Asunción, cadavérica e frágil, quase desprovida de humanidade, era velha demais para que lhe permitissem dirigir uma escola inteira. Suas mãos esqueléticas carregavam uma régua e um santo rosário.

Dor e perdão, pensou Antonia.

Através de olhos pretos fundos cercados pela pele descolorida e enrugada, madre Asunción encarava o vazio com um olhar morto. Seus lábios finos foram se abrindo devagar, e um sorriso desprezível surgiu no seu rosto desgastado.

— A causa mais comum é que alguém tenha se voltado para o diabo ou para o oculto. Normalmente, quando a pessoa tenta escapar do mundo demoníaco, ela é atacada por ele, e às vezes... *na maioria das vezes*, é morta.

As meninas arfaram em uníssono, e quinze duplas de olhinhos se arregalaram. Um suor gelado desceu pela espinha de Antonia. Ela olhou para madre Asunción, que estava parada imóvel, inabalável.

— Madre Asunción, eu só quero que as meninas vejam as coisas por um outro lado. Já estamos em 1936, elas podem ter um pouco de contexto. Devido à quantidade de charlatões que podemos encontrar hoje em dia, quero que elas questionem, não acreditem simplesmente em qualquer coisa que as pessoas contam. Só isso.

Antonia não estava mentindo. Trabalhar na Escuela para Señoritas em Bogotá não era fácil para ela. Ela não era crente. Depois das tragédias pelas quais Antonia e sua família passaram, seu *papá* evitava o assunto.

Antonia não encontrava consolo na espiritualidade. Não iria adorar nenhum deus que tiraria dela tudo com o que se importava. Não encontrou nenhum consolo na espiritualidade quando sua *mamá* morreu. Tentou rezar, mas nem uma única prece que sussurrara durante as noites insones foi atendida. O que aconteceu de verdade? Por que ela não se curou? Conforme os anos foram se passando, ela parou de esperar uma resposta. Já não queria mais nenhuma.

As freiras estavam cientes das crenças de Antonia, ou da falta delas, mas não encontraram ninguém tão qualificado para o emprego quanto ela.

Antonia sabia mais sobre literatura, latim, teologia, matemática, costura e remendos do que qualquer outra candidata que as freiras entrevistaram. Ela falava cinco línguas. Todas aprendidas por conta própria. Uma mulher tão ambiciosa como Antonia não era bem-vinda em nenhuma escola, muito menos em qualquer universidade do país. A ambição feminina era uma ameaça para a própria base da sociedade.

— Negar as palavras do próprio Jesus? — Madre Asunción virou seu olhar flamejante para Antonia. — É um sacrilégio. Não é ensiná-las a serem fiéis, e sim céticas, um dos piores comportamentos que qualquer cristão poderia ter. A não ser que elas queiram queimar no inferno, claro.

— Perdão, madre Asunción, mas para um caso ser identificado como uma possessão, é *necessário* haver uma avaliação médica e, em muitos casos, não há qualquer tipo de procedimento...

Os lábios enrugados e imóveis de madre Asunción se apertaram numa leve careta enquanto ela se aproximava de Antonia, levando-a a dar um passo para trás e quase derrubar a cadeira. Antonia se pressionou na parede o mais distante possível da freira, mas ela estava encurralada. Quando madre Asunción agarrou seu cabelo, Antonia sentiu o estômago embrulhar.

Antonia engoliu um grito, e seu coração martelou no peito, enquanto sua cabeça se inclinava um pouco na direção do rosto da velha com uma puxada suave, mas firme. De acordo com as freiras, a violência era permitida, mas não encorajada, principalmente a violência física. Mas elas também se consideravam servas de deus e, se alguém errasse, elas não portariam a espada em vão.

Pois ele é o servo de deus, agente da justiça para punir quem pratica o mal.

As têmporas de Antonia se apertaram com esse pensamento.

Já vira tanta violência — a irmã Luisa caída no chão, contorcendo-se de dor. Seu próprio sangue formando uma poça embaixo dela.

Um. Dois. Três. Quatro...

A irmã Luisa foi chicoteada até o limiar da vida.

Ela queria morrer, foi o que disse para a Antonia. O tempo todo, ela achava que mais uma chicotada acabaria com sua dor.

Porém, madre Asunción não matou a irmã Luisa. Não. Teria sido uma punição fácil demais. Ela precisava sobreviver; precisava viver e lembrar a si mesma e a todas as outras pessoas a nunca transgredir as regras. Nunca mais.

Madre Asunción se inclinou ainda mais perto, seu hálito acre roçando a bochecha de Antonia.

— Você fica por aí se escondendo atrás dessa sua fachada cética, achando que isso vai mantê-la segura. Mas as coisas que nos assombram vão nos assombrar para sempre. Não se esqueça do que aconteceu com a sua mãe.

A voz de madre Asunción estava severa e sibilante. Um nó se formou na garganta de Antonia — a saliva da sua boca ficou seca e seu estômago se encheu de ácido. Como madre Asunción ousava falar de Estela na frente das meninas?

Não, Antonia não se esqueceu; muitas das suas lembranças estavam trancadas nos corredores mais escuros do seu cérebro, mas a morte de Estela não era uma delas, mesmo que aquele dia não passasse de alguns flashes.

Antonia esteve em algum lugar, andando, controlando seu nervosismo para compartilhar sua grande novidade. Ela contaria aos pais que estava saindo de casa, que não conseguia ficar naquela casa nem mais um segundo. Encontrara um trabalho como tutora numa escola católica em Bogotá e precisava morar na cidade para cumprir sua agenda. O salário era de alguns pesos, mas suficiente para ajudá-la a pagar aluguel e comida. Ainda poderia visitá-los nos fins de semana. Nem pareceria que foi embora.

Antonia estava mais feliz do que nunca. Ela finalmente tinha um plano e sentia ter controle da própria vida. Do próprio futuro. Enfim poderia esperar algo mais, em vez de apenas suportar e interpretar o papel que todos esperavam dela, de toda mulher. Poderia trabalhar por alguns meses, ganhar dinheiro suficiente para conseguir deixar o país. Realizar seus sonhos de estudar literatura gótica na Inglaterra.

Porém, assim que entrou naquela casa maldita, seus sonhos morreram. Desde então, um buraco se formou no peito de Antonia — às vezes sentia como se ele simplesmente se ampliasse e se alargasse, esvaziando-a das suas entranhas.

A morte em geral é gentil com a pessoa que é levada, mas é cruel para aqueles condenados a ficar.

Antonia ficou atordoada com as palavras de madre Asunción e não teve sagacidade suficiente para sair do aperto da freira. A única coisa que ela podia fazer era virar um pouco a cabeça e se forçar a manter contato visual.

— Não pense que escolher não acreditar vai fazer o mal desaparecer; não vai. Tampouco vai protegê-la de alguma coisa. Na verdade, quando finalmente encontrá-lo, estará fraca e despreparada. *Indefesa*. E não ser crente não vai mais adiantar de nada para você. — Os dedos pontudos e ossudos de madre Asunción arranharam a nuca de Antonia antes de ela soltá-la. — Agora, por que você se esconde? De quem, *ou do que*, está se escondendo se essas coisas não existem? Do que você tem medo?

Antonia estremeceu com a dor no pescoço e conseguiu se endireitar, a cabeça ainda dolorida e o pescoço um pouco enrijecido pela torção.

A voz de madre Asunción estava áspera, ao deslizar pelos seus lábios rachados.

— Senhora Rubiano, tire uma folga pelo resto do dia, está bem?

— Mas eu ainda tenho uma hora de catequese...

O rosto das meninas ainda estava fixo no chão, como se elas estivessem assustadas demais para encarar madre Asunción. Por que não estariam? Ela encarnava tudo do qual tinham medo.

Uma vida sujeita às regras da Igreja Católica. Uma vida cuidando dos outros sem nem mesmo cuidar de si mesma. Uma vida cuidando dos filhos de um homem. Um vida submetida aos desejos de um marido que as veria como não mais do que uma máquina de ter filhos e uma aquisição para ficar esperando-o em casa.

— *Saia* — madre Asunción a interrompeu —, vemos você amanhã.

No silêncio profundo que agora se espalhou dentro da sala de aula lotada, Antonia cambaleou para chegar até sua mesa. Ela pegou sua bolsa e saiu sem falar mais nem uma palavra. As meninas retomaram seu canto enquanto se endireitavam. O pavor estava estampado nos olhos delas, e Antonia não conseguiu encará-las por mais tempo. Os olhos dela lhe diziam: *Não vá. Não nos deixe sozinhas*. Mas ela não podia ficar. E não queria ficar.

Mas o que isso lhe custaria, e à sua família, ir embora de vez?

8 de agosto de 1921

Hoje a terra pareceu minha pela primeira vez.

O sol brilhava no ar matinal, iluminando o caminho de terra a nossa volta enquanto eu observava a fumaça que saía da minha respiração por causa do frio. Eram 1500 metros quadrados e, enfim, eram todos nossos, depois de promessas e ofertas de um lado e do outro para tomar conta da terra abandonada. E eu ficaria com toda a confusão, corrupção e tudo. Eu ficaria com tudo isso mesmo que Ricardo tentasse me convencer do contrário. Nenhum preço era alto demais a se pagar se isso significasse viver no santuário que se queria. Não, precisava. Essas terras eram sagradas, e precisavam de uma fortaleza, precisavam de um líder para governar e fazê-las sobreviver. Eu me vi como uma miragem, olhando a terra e sua vastidão, uma varanda como um trono de onde eu estava. Senti o peito inflar de orgulho, de alegria. Nunca me senti tão poderosa, como se o mundo estivesse ao alcance das mãos e eu finalmente estivesse mais perto de Bochica. O dinheiro nunca me fez me sentir inteira — muito embora eu tivesse crescido sem nada, e o pouco que eu tinha, a minha família, a única coisa que eu realmente podia dizer que era minha, foi arrancada de mim anos atrás. Sentia-me como uma forasteira na cidade — nunca me considerei parte dali. Mas este lugar, isolado de todos, já parecia um lar.

Enquanto estava parada no parapeito, El Salto zumbia de vida, suas águas desciam a montanha e iam para as pedras. Sua melodia arrepiava minha alma e o aroma que pairava no ar enchia meus pulmões. Uma cobertura espessa e fantasmagórica envolvia a área num labirinto de neblina, contorcendo-se e se enrolando com deleite. Não éramos poupados — seus tentáculos molengas se agarravam a nós e nos cobriam. Será que podiam nos engolir inteiros?

Meu coração parou, depois martelou no peito. Quanta decadência estava ali que os olhos não conseguiam ver? Quanta podridão havia embaixo do véu de neblina espessa? A beleza era enganosa, uma máscara, um disfarce, e sempre mantinha o que estava destruído embaixo da superfície. Por baixo, o solo estéril se estendia veloz como uma praga silenciosa. A ambição infundida com o mal pode drenar a vida de qualquer coisa. Mas minha intenção era restaurá-la, trazer-lhe a vida de volta.

Por um instante, tudo a minha volta me imobilizou, e fiquei enraizada no lugar. Fechei os olhos. Eu queria absorver este momento, capturá-lo como ele estava e trancá-lo dentro do meu cérebro, como um tesouro precioso. Uma coisa que ninguém poderia tirar.

O calor se irradiava por todo o meu corpo, e tornei a abrir os olhos. Em um abraço marrom, os encenillos silvestres ofereciam um abrigo de membros estendidos, repousando embaixo dos tons da folhagem. El Sato pertencia a Bochica. Era um santuário sagrado. Um lugar de almas antigas, de espíritos que vivem com os sons doces da água corrente, dos condores e das corujas. De alguma maneira, isto era mais do que um lar. Quem sabe algum dia minha família também entendesse.

A voz de Ricardo foi abafada pela cachoeira; no local onde ele estava havia um rastro endurecido de velas pretas e brancas, junto com trapos sujos, penas e sujeira.

— Os operários vão limpar tudo isso — disse ele, de forma tranquilizadora, e o que quer que tenha dito a seguir, eu não ouvi.

A coisa na nossa frente — nosso futuro logo adiante — era maior do que Ricardo podia sequer imaginar. Maior do que eu podia colocar em palavras.

Desejei que Antonia tivesse vindo conosco. Este lugar era um cenário melhor do que qualquer um dos romances góticos com os quais ela era obcecada. Será que ela apreciaria tanto quanto eu?

Como não? Isto também era dela. Vivía dentro dela, adormecido, paciente, fervendo por dentro. Chegaria o dia quando repousaria nas mãos dela.

DOS



A estrada estava vazia, encoberta pelas sombras das imponentes *nogales* de cada lado. Estava tomada pela sujeira, manchas de lama e crostas de imundície escura. Antonia estava parada no centro, a apenas alguns metros dos portões principais da *escuela*, de ferro preto. Seu cachecol vermelho, macio e delicado, quase como uma bandeira colorida balançando nos ventos invernais, envolvia seu pescoço para protegê-la do frio. Enquanto caminhava para longe da *escuela*, os últimos resquícios de luz sumiam entre as nuvens, e as ruas de paralelepípedo de La Candelaria se abriam para ela. As casas de dois andares pintadas de branco, com telhados com telhas vermelhas gastas e grades de ferro preto forjado, saudavam-na enquanto ela passava.

Antonia não se virou. A ideia de voltar provocou um tremor de náusea que desceu pela sua garganta. Suas mãos estavam molhadas de suor. Não. Ela não podia se dar ao luxo de perder o controle na frente de madre Asunción mais uma vez. Não, se Antonia quisesse manter o emprego. E ela *precisava* manter o emprego. A paciência de madre Asunción já diminuía muito, mesmo antes dos acontecimentos do dia. A freira a perdoara por perder a peregrinação bianual para Monserrate, por não querer subir uma colina íngreme para rezar no santuário de El Señor Caído e, em vez disso, levar as meninas ao Instituto Nacional de Ciência. Já perdoara Antonia por se recusar a virar freira. Sem falar em ter vinte e seis anos e ainda não ser casada.

E não, Antonia não consideraria entrar para o convento. Ela já se sentia enclausurada o suficiente no seu dia a dia. Mal sobrevivia a seu próprio pesadelo gótico. Não dificultaria as coisas ainda mais para si mesma.

Os sessenta pesos por mês valiam a caminhada, as catequeses semanais e todo o resto a que as freiras a submetiam se isso significasse poder cobrir as despesas médicas de seu *papá*. Também significava que ela poderia um dia ir embora de vez — começar uma nova vida bem longe, longe do trauma que ela tentava deixar para trás.

Mas mesmo com todas essas razões para ficar, não conseguia deixar de pensar que talvez não fosse tão ruim ser demitida. Talvez *houvesse* uma saída. Afinal de contas, sua casa arruinada da infância foi transformada no primeiro hotel de luxo da Colômbia. El Refugio del Salto, espalhado por cima da savana de Bogotá, e com vista para uma cachoeira de 157 metros, onde a alta costura francesa encontrava as tradições nativas andinas, oferecia uma porta de entrada para o esplendor e a exclusividade a apenas três horas da cidade. De acordo com o *La Nota*, o jornal local, o hotel de cinco andares consistia em um lobby e um salão de festas com arquitetura geométrica ousada, detalhes dourados extravagantes, murais, mosaicos no chão e lustres de cristal, assim como dezesseis quartos bem decorados com placas de identificação em formato de medalhão dourado com serpentes. O hotel também ostentava, junto com eletricidade e telefones, três restaurantes que ofereciam diversas opções no cardápio, da culinária local a pratos internacionais, e dois lounges no andar principal com vistas espetaculares da cachoeira, onde convidados podiam beber uma cerveja ou um vinho da própria adega da propriedade, em estilo bávaro, feita de nogueira, enquanto ouviam boleros ao vivo no saguão. O spa oferecia uma lista abrangente de tratamentos naturais para qualquer mal, inspirados nos rituais locais.

Uma mistura estranha de pavor e esperança tomou conta de Antonia só de pensar no lugar que costumava chamar de lar. Ele não oferecia abrigo a ninguém, e sem dúvida não era nenhum refúgio. Aquela casa horrível, o lugar onde tudo aconteceu, estava prestes a abrir seus portões ao público. Mas ela pelo menos conseguiria guardar algum dinheiro. Recursos preciosos que ela não conseguia juntar desde que sua *mamá* deixou o mundo há quatro anos, e seu *papá* entrado numa depressão que os deixara falidos e ameaçava tomar conta dele. Uma névoa espessa nublou sua mente, tornando impossível para ele trabalhar, sonhar ou ter esperanças.

Possessão demoníaca, pensou Antonia. Aquelas meninas não faziam ideia de como a verdadeira escuridão era. Mas toda aquela conversa sobre o diabo significava que elas ainda não conseguiriam dormir naquela noite.

Então, Antonia escutou.

Não foi bem um barulho, mas um deslocamento de ar, uma sensação de alguma coisa grande subindo das profundezas das ruas de pedra encardida, algo que estava de alguma maneira se movendo depressa na sua direção.

Antonia apertou o passo, sem se virar, com a pulsação batendo forte nos ouvidos. Ela só estava a um quarteirão de casa, mas ouviu tantas histórias sobre o que acontecera com *señoritas* desacompanhadas que não havia como não sentir medo até mesmo no meio da tarde.

Mas Antonia conhecia o verdadeiro mal.

Como posso ter medo se já sobrevivi à verdadeira escuridão?

Antonia levantou as mãos, que estavam soltas ao longo do corpo, e puxou o capuz do casaco para se cobrir, como se isso fosse protegê-la, mas alguma coisa nesse gesto a deixou mais tranquila.

Ainda assim, ela cometeu o erro de olhar para cima — e arfou: uma silhueta escura estava parada do outro lado da rua, justo do lado de fora da porta da sua casa, com olhos vermelhos brilhantes a encarando de volta.

Ela ficou atônita por um momento, plantada no asfalto úmido sob seus pés, mas aí recuou. O ar pareceu quente e rançoso de repente, enquanto ela esquadrinhava a rua vazia. Aqueles olhos... sabia que os vira antes...

A sua volta, as casas estavam tão imóveis, sem nenhum sinal de vida do lado de dentro, e as *nogales* altas estendiam seus galhos verdes arrojados contra o céu sombrio, como se a sua mera presença fosse suficiente para repelir a escuridão e comandar que a luz chegasse às folhas ensopadas pela chuva.

Mas não era o vazio nem a quietude dos arredores que a assustavam. Era o silêncio. O silêncio totalmente ensurdecedor, o tipo que abafava e calava tudo. Em geral, ela escutaria o ronco interminável dos veículos e carruagens pela rua, o clique-claque das solas de cada pedestre, o falatório incessante de senhoras depois da missa matinal na catedral. Mas agora... nada. Era como se tivesse entrado num lugar bem diferente, ainda que parecesse familiar. E foi por causa dessa familiaridade que ela não fugiu. Em vez disso, forçou-se a continuar encarando a figura imóvel bem a sua porta de entrada.

O rosto ela não conseguia distinguir, já que estava coberto por um véu preto, como se alguma coisa, ou alguém, tivesse borrado suas feições, não deixando nada além de fragmentos indistintos de sombra.

Mas aqueles olhos vermelhos...

Os olhos de Antonia se abrem de repente. Ela inspira para recuperar o fôlego, o suor frio escorre por sua espinha como ganchos gelados e traiçoeiros, ameaçando cortar sua carne. Ela agarra os lençóis brancos, as mãos trêmulas, pressionando as costas contra o estrado da cama. Ela pisca rápido, tentando espantar o medo que aperta seu peito. Memórias cintilam no seu cérebro — olhos vermelhos a encarando de perto, Antonia parada, encurralada, o mato úmido se enrolando em seus pés descalços.

Ela abre a boca para gritar, mas não consegue emitir um único som, como se o espaço tivesse sido esvaziado de todo ar. Não. Não. Não. Ela não vai se deixar cair de novo naquele sonho sombrio. Só podia ser um sonho. Ela sussurra para si mesma: “Antonia, você está aqui”, uma garantia de que ela está acordada. Esquadrinha o escuro do quarto, enquanto um vestígio minúsculo do luar entra pela janela; o tap-tap familiar da água batendo no vidro é reconfortante.

O pesadelo ameaçador afrouxa seu aperto, mas os ecos do terror permanecem como um sussurro sinistro, zombando da sua frágil sanidade.

— Na-na-não pode ser... — Antonia soltou em voz baixa.

— *Señorita* Nona? — uma voz rouca e abafada sussurrou na sua orelha.

Antonia a reconheceu e se virou. Emiro, o jovem motorista de seu *papá*, estava parado atrás dela.

— *Señorita*? — ele repetiu. Antonia continuou sem se mexer, seu olhar agora fixo no próprio colo. — *A señorita* está parada no meio da rua...

Ela acenou com a cabeça, sem conseguir emitir uma palavra, e cambaleou para o lado. Se virou e levantou a cabeça, a silhueta não estava mais à vista.

— *A señorita* está bem? — insistiu Emiro.

— Havia alguém... na porta. *Papá*... é ele? — Emiro não tinha visto? — Eu... eu estava andando e...

— Seu pai está dentro de casa. Não tem ninguém do lado de fora com esse tempo horroroso.

— Sim. Eu só estava... eu estava distraída. — Ela enrugou os lábios para cima num meio sorriso. — Foi um dia longo na *escuela*.

Emiro franziu a testa. Seu cabelo castanho comprido, liso e escuro balançou com o vento, cobrindo quase todo o seu rosto. Ele o jogou para trás antes que seus olhos redondos encontrassem os dela novamente.

— *Señorita* Nona, posso perguntar uma coisa?

Antonia concordou com a cabeça, mas seus olhos ainda estavam fixos no portão da casa.

— Como a *señorita* consegue fazer tanta coisa? *A escuela*, tomar conta do seu pai, dessa casa, dos negócios, da outra casa... *A señorita* está fazendo coisa demais, e acho que não está percebendo.

Antonia se virou para encará-lo. Ela refletiu sobre as palavras dele por um momento, mas era inútil. As mulheres não tinham outra opção senão ficar.

— Eu não tenho escolha...

— *Sempre* há uma escolha.

Antonia engoliu em seco. Ela *teve* uma escolha. Ela podia ter escapado muitos anos antes, mas agora era tarde demais.

— Nem uma palavra com Carmela ou *papá*. Não quero preocupá-los com a minha distração.

Antonia girou a chave que abria o cadeado coberto pela ferrugem. Ela deslizou o ferrolho frio como pedra e abriu a porta marrom, revelando uma fraca luz

tremeluzente no fim do corredor em arco. Sua casa ficava em volta de um pátio central, que continha uma fonte de mármore cercada por um jardim exuberante composto de flores tropicais, gengibre vermelho, bromélias, gardênia, antúrios e diversas espécies de orquídeas que davam as boas-vindas aos convidados quando entravam. Na ponta norte da ala central, uma escada de madeira levava a um segundo andar que consistia em quartos, um escritório, uma biblioteca e diversas salas vazias. A casa era maior do que a necessidade da sua família, mas Antonia não se importava com a amplidão do espaço, principalmente depois de passar quase metade da sua vida numa mansão de cinco andares nos arredores da cidade.

O cheiro amendoado de café recém-passado permeava o ar. Ela fechou a porta e largou o casaco preto grosso e o cachecol vermelho no sofá de veludo verde, que decorava a sala, sem tirar os olhos da luz amarela tremeluzente. O calor que vinha do lustre dourado trazia uma sensação boa em sua pele agora exposta.

Antonia não tinha certeza do que, ou quem, ela vira momentos antes, e queria acreditar que foi obra da sua imaginação. O que quer que fosse, deixou seus pensamentos bagunçados.

Tudo começou pouco mais de um ano antes da morte de sua *mamá*. Antonia acordava gritando, berrando, pedindo socorro no meio da noite, seu quarto coberto pela escuridão. *Mamá, papá* e Carmela corriam para lá. Ricardo logo lhe dizia que não era nada além de terror noturno. Mas a sua *mamá* não parecia convencida, pelo menos não depois das primeiras vezes. Algo dizia a Antonia que Estela sabia que havia algo a mais, mas ela mantinha a boca fechada. Antonia sentia isso pela maneira como sua *mamá* a observava, como ela abria a boca para consolar Antonia, mas se continha.

Porém não importava qual tipo de consolo Antonia recebia de sua *mamá*, os sonhos não cessavam. As imagens eram um ciclo recorrente que aparecia quando ela fechava os olhos à noite — os olhos vermelhos estavam sempre lá para recebê-la, para saudá-la no seu pesadelo.

Antonia achou que se afastar da casa faria aquilo parar. E funcionou... até não funcionar mais. Então começou a acreditar que se livrou dos pesadelos enquanto estava acordada. Que a realidade a protegia da coisa que a assombrava enquanto dormia. E por um tempo, protegeu mesmo. Por um tempo, foi fácil estar acordada. Mas e se ela não conseguisse mais escapar dos pesadelos, já que eles conseguiram chegar até ela mesmo quando seus olhos estavam bem abertos?

Afinal de contas, as lembranças do seu passado a assombravam, e talvez seus pesadelos de agora não fossem mais do que a resposta do seu corpo e da sua alma para todo o trauma, o luto, a perda, e como eles a enjaulavam, a envolviam com força e não a soltavam.

Antonia precisava que tudo fizesse sentido. Se pudesse conversar com a sua *mamá* uma única vez. No entanto, tudo o que restava de sua *mamá* eram...

Os diários.

Os diários carbonizados com páginas arrancadas que Antonia levou consigo na noite em que saíram correndo da casa. A princípio, ela se recusou a lê-los, apenas folheou algumas partes, sem prestar nenhuma atenção às palavras. Mas ela se apegou a eles, já que eram uma das poucas coisas que a ligavam a sua *mamá*. Só recentemente ela angariara coragem o bastante para encarar a dor que a assolava quando via as palavras de Estela numa página, com a constatação de que aquelas eram as únicas coisas que restavam dela.

Antonia pensou em uma das páginas que tinha lido várias vezes.

Mas enquanto escrevo sobre este lugar maravilhoso, minha casa, minha mente continua voltando para minha querida Antonia. Mi Nona. Ela é a que mais me preocupa... Ainda assim, eu queria acalmar suas emoções, tranquilizá-la, consolá-la.

O que preocupava a sua *mamá*? Antonia precisava do resto das peças para juntar o quadro. Estela obviamente sentia que havia alguma coisa errada em Antonia, e o diário foi um portão para a mente de sua *mamá*. Talvez pudesse haver outros diários ou outros pertences de Estela onde Antonia pudesse encontrar respostas. Se ela pudesse voltar para a casa, verificar se ainda havia alguma coisa lá...

Ela forçou que o pensamento fosse expulso da sua cabeça e chamou:

— Carmela?

A luz não estava mais piscando.

— Nona, estou aqui — veio uma voz do fim do corredor.

Antonia se encaminhou à cozinha, com o som das suas botas de couro contra as lajotas vermelhas ecoando pelo corredor. Embora a ideia de talvez recuperar o que restava de sua *mamá* fosse tentadora, não conseguia suportar a ideia de voltar.

— Você chegou cedo — disse Carmela, a antiga governanta de Antonia, e sua tutora na infância, vinda de trás da bancada da cozinha. Sua expressão preocupada era tão familiar quanto seu cabelo grisalho partido no meio de forma austera; suas tranças, amarradas bem apertadas em volta da cabeça num coque baixo, brilhavam sob a luz quente. — Está tudo bem?

Antonia soltou um suspiro. Nada escapava à intuição de Carmela, principalmente quando dizia respeito a Antonia. Carmela era como uma segunda mãe, afinal. Agora mais ainda.

Antonia concordou com a cabeça.

— Está. Catequese. Eu conto mais tarde. — Sextas eram os dias em que ela chegava em casa mais tarde. A catequese durava quatro horas, mas naquele dia ela conseguiu concluir apenas a primeira.

Carmela colocou uma bandeja dourada de comidas recém-feitas na frente de Antonia. Lá havia queijo e bolos de goiaba, *almojábanas* cheias de *queso* fresco e o preferido de Antonia: *pan de bonos* — pãezinhos feitos com farinha de *yuca* e queijo salgado.

— Coma. E nem pense que eu não percebi que você foi para o trabalho com a barriga vazia hoje de manhã.

Antonia ficava agradecida pelo apoio diário de Carmela, que nutria mais do que o seu corpo. Carmela ficou com Antonia nos altos e baixos e a conhecia melhor do que ela mesma. Carmela começou a trabalhar para os pais de Antonia quando eles se casaram. Ela criou e deu aulas a Antonia depois que as freiras decidiram, por alguma razão misteriosa, que ser filha de sua *mamá* tornava Antonia indigna de um lugar na sua instituição. Então Carmela ensinou a Antonia tudo o que ela sabia da vida. Ela não teria sobrevivido sem Carmela.

— Obrigada — disse Antonia com a boca cheia de doce fresco.

— Seu pai está se arrumando para a inauguração.

Antonia parou de mastigar e engoliu inteiro o último pedaço da sua *almojábana*.

— Claro que está. Não consigo acreditar que achei que ele fosse se esquecer da festa...

O convite chegara há três semanas, e seu *papá* já foi logo se decidindo a ir. Antonia foi pega de surpresa pela sua súbita mudança de ideia. Seu *papá* se recusou a entrar na casa desde o momento em que eles foram embora, recusando-se a até mesmo pensar nela, tanto que Antonia teve que lidar com toda a papelada relacionada ao aluguel da casa e cada coisa que veio com isso. Então ela não conseguia entender por que ele estava tão determinado a voltar lá depois de todos aqueles anos, e era por isso que Antonia estava tentando ao máximo fazê-lo mudar de ideia. Ele melhorara tanto, ela não deixaria o luto consumi-lo de novo. Ela até pediu ao médico dele, que aconselhou o seu *papá* a ficar longe da casa, para intervir. Afinal, as lembranças e a dor que viviam naquela casa eram avassaladoras para ele.

Mas seu pai ignorou o médico e as preocupações dela. Estava decidido; ele voltaria àquela casa.

A expressão de Carmela esmoreceu.

— Ele nunca vai esquecer — disse ela. — Precisamos focar em *você*, deve se aprontar.

Antonia estendeu o braço por cima da mesa de mogno para pegar o bule de alumínio e se serviu de uma xícara de café. Tomou um gole; o líquido quente queimou sua garganta, acordando todos os sentidos enquanto ela cogitava um retorno à casa da sua infância. Puxou uma das cadeiras de madeira na mesa da cozinha e se sentou.

Em 1923, o arquiteto Ricardo Rubiano, *papá* de Antonia, terminou de construir uma mansão de cinco andares e 1500 metros quadrados no estilo Belle Époque nos arredores de Bogotá. A casa foi um presente à *mamá* de Antonia, uma historiadora, uma mulher à frente do seu tempo, que desejava viver fora da cidade grande numa casa com aparência de conto de fadas, como um castelo. La Casona, como os locais chamavam, era diferente de qualquer outra coisa que o povo do interior já vira. Ostentosa, enorme, ambiciosa no design e construída bem na montanha, com uma vista de 360 graus da savana de Bogotá, junto com uma vista espetacular do seu vizinho natural, El Salto del Tequendama. A casa oferecia uma vida fora da cidade grande sem abrir mão do conforto e do luxo. Tinha grandes janelas com cortinas, dispostas em paredes sólidas de concreto, e telhas vermelho-queimado no telhado. Mármore natural entalhado à mão e importado da Europa — da Vênus de Milo a mais divindades locais, como Bachué e Bochica, a última presente em murais pintados à mão, entalhes dourados e enfeites na fachada e no interior.

La família Rubiano foi invejada por todos. Mas um ano após *mamá* de Antonia falecer, e dez anos depois de eles se mudarem para lá, la família Rubiano saiu da casa às pressas sem nenhuma intenção de voltar algum dia.

Papá de Antonia deu vida a um lugar isolado, mas aquele mesmo lugar tirou dele a vida em si. A vida de sua família.

— *É* uma péssima ideia. — Antonia balançou a cabeça e ficou absorta nos próprios pensamentos.

As lembranças de Estela eram dolorosas demais para Ricardo suportar. Também eram agonizantes para Antonia, mas ela conseguiu manter as emoções sob controle para o bem dos dois. Precisava fazer isso se quisesse manter a imagem de sua família unida.

Até então, fazia três anos que Antonia havia conseguido mantê-los afastados da sua antiga casa. Não iam lá desde que Antonia arrastou seu pai no meio da noite.

Tinham ido embora de vez.

Ou pelo menos era o que Antonia pensava.

Ricardo se recusou a abrir mão da propriedade de cinco andares e pediu para ela não vendê-la. Antonia supôs que era porque o lugar foi construído para

sua *mamá* e, embora ele não quisesse entrar lá de novo, mantê-la na família parecia o que ele precisava fazer em memória da sua falecida esposa. Então, há vários meses, alugaram a casa. León Rivera, um dos homens mais ricos da cidade e o melhor amigo do seu *papá*, tornou-se o novo inquilino da casa, que, assim, foi transformada num hotel.

Mas Antonia daria qualquer coisa para se esquecer do tempo deles na casa; aquelas lembranças que o seu *papá* amava ficar recordando, ela desejava que pudessem desaparecer. Ela não conseguia suportar a dor de ter alguém apenas através de flashbacks. Queria que a sua *mamá* estivesse com ela. Antonia precisava dela, e quando Antonia queria ir até ela, a constatação de que Estela existia apenas nas suas fracas lembranças do passado a matavam um pouco a cada vez.

De todas as lembranças, a da primeira noite deles na casa era a mais dolorosa. Fora a promessa de alguma coisa boa, de alguma coisa melhor.

Antonia, sua *mamá* e seu *papá* sentados e aconchegados na frente da lareira, envolvidos por cobertores de lã, o vento frio entrava pela varanda, o barulho da cachoeira como fundo do seu novo início. O cheiro de *roscón dulce* e *arequipe* queimado emanava da cozinha e pairava no ar, tentando o nariz de Antonia e deixando-a com água na boca. Estela e Ricardo tomavam vinho quente da adega lá embaixo, enquanto Antonia mantinha seu interior aquecido com chocolate quente com *queso* que Carmela fez para ela. Seu *papá* colocara uma grande caixa de madeira na frente dela.

— Essa é para nossa Nona — ele dissera baixinho, seguido por um sorriso. Antonia trocou olhares breves com sua *mamá*. Tinham acabado de celebrar o 13º aniversário de Antonia logo antes de se mudarem de Bogotá, e ela não estava esperando mais nenhum presente dos pais. Então, mesmo que suas pálpebras estivessem desistindo dela, sinalizando que foi um longo dia, ela deslizou a tampa da caixa para o lado, o arranhado fraco irritou seus ouvidos. Lá dentro havia livros, mas não quaisquer livros, Antonia logo reconheceu. Era uma caixa de couro enfeitada com entalhes dourados onde estava escrito *Coleção Brontë Completa*.

O coração de Antonia parou de bater por um segundo, e seu peito se encheu de alegria.

— *Papá...* — As palavras lhe escaparam. Ela devorara *Jane Eyre*, *O Morro dos Ventos Uivantes* e *Agnes Grey* várias vezes. Ter uma coleção para somar a sua biblioteca pessoal com edições tão maravilhosas com borda *deckle* era um sonho se tornando realidade. — Como você conseguiu?

— Precisei mandar vir do outro lado do Atlântico. Achamos que seria uma coisa boa para ter agora que estamos aqui.

Carmela entrou na sala naquela noite carregando uma bandeja de prata com todos os bolos. A exaustão ainda formigava em Antonia, mas ela sabia que não conseguiria dormir. Sete livros. Todos para ela. Novas histórias a serem descobertas, junto com a história que estava apenas começando para eles também.

Estavam esperançosos pelo que viria a seguir, mas aquela mesma esperança seria enxotada deles vários anos depois daquilo.

— Ele vai. Com ou sem você. *É* melhor se você for. — Carmela trouxe a atenção de Antonia de volta à conversa. — Nada vai acontecer se você ficar de olho nele.

— O doutor Ruíz nos pediu para mantê-lo longe daquele lugar. De todas as lembranças. Pelo menos por enquanto.

Por enquanto. Esse por enquanto parecia uma eternidade para Antonia. Enquanto a casa estivesse de pé, seu *papá* não melhoraria nem um pouco. E o tempo não esperava por ninguém. Certamente não por Antonia.

Carmela concordou com a cabeça e ficou encarando Antonia pela bancada de mármore branco.

— Pode ser diferente dessa vez — disse Carmela, com um tom de esperança envolvendo sua voz. — Quem sabe, pode ser que estar lá, pelo menos por um tempinho, com o lugar todo diferente... pode ser que ele acabe percebendo que não há ninguém... nada mais para ver lá.

Poderia ser diferente dessa vez. Antonia não era mais criança; ela não era a presa crédula que costumava ser quando mais nova. A casa se tornaria apenas uma fonte de renda estável, e nada mais. Se ela pudesse esperar seis meses para guardar a sua parte, nunca mais precisaria ver a casa ou Bogotá, exceto quando fosse de visita a casa para ver seu amado *papá* e Carmela. E uma parte bem pequena de Antonia, apesar de ela não admitir, queria voltar. Ela queria ver a casa, ver se ainda estava de pé enquanto seu mundo estava desmoronando, ver se mudou com a aparência nova de hotel. Ela queria encontrar um resquício da sua vida passada lá, ver se o cheiro de sua *mamá* ainda pairava no ar.

— Pode ajudar a nós dois, Nona — seu *papá* começou a falar no dia em que receberam o convite. — Ver a casa de novo. Estar lá de novo. Perceber que, mesmo que seja doloroso voltar lá, nós seguimos em frente e estamos melhores agora. Vai ver precisamos de um desfecho. O que *você* precisa, antes de conseguir superar o que aconteceu.

— *Papá*, não, eu não... — Ela não queria recolher os pedaços deixados para trás quando foram embora às pressas. Talvez os pedaços nem estivessem mais lá, não mais. — Olhe para você. Se estivesse melhor, estaria fazendo a

coisa de que mais gostava depois da *mamá*. Arquitetura. As pessoas perguntam o tempo todo, e eu tenho que mentir sempre. Não posso contar a verdade. Eu... — Antonia engasgou nas palavras. O que mais ela poderia ter falado para convencê-lo a desistir da ideia de visitarem sua antiga casa?

— Você não está nem um pouco curiosa? É a nossa casa afinal de contas...

— Sim, é nossa casa, mas não é mais uma casa. É um hotel. E não é mais o nosso lar... — Antonia se interrompeu e manteve os pensamentos seguintes só para si mesma. Em retrospectiva, ela não tinha certeza se a casa algum dia foi um lar para eles.

Passos ecoaram pelos corredores, obrigando Antonia a sair dos seus pensamentos. Ela se virou e avistou seu *papá*, seus olhos castanho-escuros eram um reflexo dos dela.

Antonia sorriu.

— *Papá*, você está incrível. — E Ricardo estava bem mesmo. Parado ali, ele parecia exatamente como o homem que era antes de a mulher morrer. Tirando as marcas da idade, não havia nenhum traço da pessoa que Antonia via quando olhava para ele: um desconhecido, a sombra de quem ele foi um dia. Bem diante dos seus olhos, ele envelhecera pelo menos alguns meses todos os dias, e, embora ele ainda parecesse velho, agora ela podia ver o homem jovem e alegre dentro dele, e isso lhe deu esperança.

As coisas *poderiam* ser diferentes dessa vez.

A pele oliva pálida dele estava com um tom rosado e vibrante sob a luz quente que emanava de cima. Seu smoking preto fez transparecer algo de dentro dele, um orgulho e uma confiança que Antonia, por um bom tempo, desejou ver ressurgir. Seu cabelo castanho estava coberto de cera de cabelo, impecavelmente puxado para trás.

Ela podia sentir que seu estômago se enchia de um misto de esperança e medo. Ela faria o sacrifício de voltar a casa se isso significasse ver seu *papá* vivo assim de novo. Afinal, seriam só algumas horas. Não faria mal, faria?

— Sua mãe deve estar muito feliz hoje.

As palavras dele fizeram a pele de Antonia parecer viscosa e os traços de esperança que ela encontrara quando o viu desapareceram. *Ele acha que vai encontrá-la lá.*

— Não. Ela morreu lá. Mais de quatro anos atrás. Aquele lugar matou *mamá*... — Antonia não queria dizer literalmente. As casas não matam as pessoas, pessoas é que matam as pessoas. Mas foi a fixação de Estela por aquele lugar que a puxou para o abismo como areia movediça. Para dentro de uma armadilha insidiosa e inescapável...

Antonia enxotou os pensamentos da sua mente e, respirando fundo, decidiu abordar Ricardo com calma em vez da faca afiada do confronto. Ela estava exausta pelo dia na *escuela*. Retornar a sua casa da infância, se ela fosse voltar lá naquela noite, era um desafio que demandava cada pedacinho do que ainda lhe restava de energia.

A tensão os envolveu e os manteve brevemente imersos no silêncio. A torneira pingava na pia, o som de cada gota reverberava por toda a cozinha como um prato de bateria; mesmo assim ninguém se movia, bebia nem dizia mais nada.

Ricardo foi o primeiro a falar.

— Sua mãe estava doente. Ela tinha o tipo de doença que toma conta de dentro para fora, o tipo que os médicos em geral negligenciam. Ela desistiu e...

As palavras tiveram o efeito de uma dúzia de tijolos caindo em Antonia, e ela não conseguia sair de baixo daquele peso. Ela já ouvira aquela explicação, e havia se forçado a se conformar. Mas ainda havia dias quando ela se perguntava como ele podia ter tanta certeza.

Afinal, Antonia não fizera mais perguntas. Ricardo lhe contou que Estela vinha agindo de forma estranha o dia todo, o que Antonia não percebeu, o que inevitavelmente a fizera se sentir culpada. Em seguida, o corpo de Estela estava se debatendo no ar. Ela se foi. *Morta*. Havia alguma coisa que Antonia poderia ter feito para impedir? Ela poderia ter previsto? Será que Ricardo tinha tanta certeza por estar tendo uma doença similar também?

— *Papá...* — Antonia lutou contra sua tendência de rebater. Ela se sentia vazia. Bidimensional. Inútil. Não havia nada que ela pudesse fazer para ajudá-lo.

— Nona, sei o que você vai dizer — começou ele. — Vai ficar tudo bem. É só uma festinha. É importante para León. Ele nunca desistiu de mim, ele é meu amigo, quase um tio para você, e quero que nós dois estejamos lá.

León tentou ajudar Ricardo a sair da tristeza que o consumia. Às vezes, León o pegava e saía com ele para passar o dia. Outras vezes, quando León não conseguia convencê-lo, León ficava em casa com ele lhe fazendo companhia. Embora Antonia apreciasse os esforços de León, ela ainda desejava ficar em casa.

— Sua mãe ia querer. Aquele lugar era tudo para ela — acrescentou seu *papá*.

Essas palavras perfuraram o peito de Antonia. Nada nunca esteve bem naquela casa. O lugar que significava tudo para a sua *mamá*, ainda mais do que Antonia jamais foi, foi o fim para ela. Tornou-se sua tumba, sua armadilha, sua prisão. Uma prisão da qual ela não pôde escapar viva.

— Uma festinha? — disse Antonia. — Como se houvesse alguma coisa pequena e discreta sobre as festas de doña Pereira...

— É a nossa casa, Antonia. E precisamos estar lá. *Eu* preciso estar lá.

Antonia se sentiu derrotada. Quando é que seu *papá* perceberia que sua *mamá* não estaria lá, esperando por ele, uma sombra pairando como as outras que Antonia uma vez... como a que Antonia acabara de...?

Espere, o que ela estava dizendo? Antonia não acreditava em assombrações, não é?

Mas ela não podia negar que a casa lançara uma sombra na vida deles por anos. Antes uma mansão de contos de fadas que parecia um castelo, La Casona depois passou a se erguer de forma assustadora em meio ao denso manto de musgo e algas que pendiam da sua fachada desgastada. Parecia que a mansão apodrecia de fora para dentro, espalhando uma influência malévola que contaminava cada coisa viva dentro das suas paredes — mente, corpo e alma.

Eles ficaram isolados de todos, de tudo. A princípio, ter *mamá*, *papá* e Carmela foi suficiente. Aquilo era tudo o que Antonia achava que precisava para ser feliz. Até eles pararem de sair da casa. Era como se a casa não quisesse que eles saíssem, como se a casa fosse uma prisão invisível que os arrastava cada vez mais fundo para um pântano de desespero. Então as saídas se reduziram a menos do que umas duas vezes por mês, e logo Antonia sentiu como se estivesse numa espécie de confinamento.

Recentemente, Antonia estava começando a pensar que a casa era como uma entidade que os seguia. Ainda estava com eles e, não importa o quanto tentassem se afastar daquele lugar, a casa sempre acharia uma maneira de puxá-los de volta. Não os deixariam partir. Não de uma maneira literal, mas de uma maneira ainda pior. Mais difícil ainda de escapar. Enevoava seus pensamentos, seus sonhos. Seus pesadelos. Mas talvez eles fossem os culpados. Afinal, eles é que levavam a casa e as lembranças para todo lugar, não era a casa que os seguia por todo lado como uma entidade viva e consciente.

Talvez fossem as pessoas que assombravam os lugares, afinal.

Como ela poderia expô-los ao passado mais uma vez? Aquela última noite em que estavam na casa, mal conseguiram escapar vivos. Antonia e Carmela saíram para fazer alguma tarefa na rua — elas achavam que iam passar a noite em Bogotá, mas acabaram voltando para casa mais cedo. Parecia com qualquer outra noite, a casa estava silenciosa, o único som que se ouvia era da cachoeira por perto. A exaustão consumira cada pedacinho do seu corpo, e ela foi quase de imediato para a cama depois de Emiro deixá-las. Mas pouco sabia Antonia que seu *papá* já colocara um plano em ação.

O cheiro de fumaça combinado com os gritos sufocados vindos de fora a fizeram pular da cama. Suas mãos se atrapalharam para pegar seus pertences

— seus livros, seus diários. As cartas de sua *mamá*. *Não. Não. Não*. Só o que restava fazer era correr.

E foi o que ela fez.

Passou correndo pela porta e encontrou Emiro disparado na sua direção. Ele a arrastou escada abaixo e enfim para fora, onde Carmela esperava por Antonia com Ricardo. Ela viu na hora. A culpa dominava a expressão dele.

A lembrança daquela noite a assombrava até aquele dia. Mas com a recordação dos acontecimentos vinha uma torrente de emoções. A principal era o medo. Será que *papá* ficaria confuso de novo? Será que ele iria tão longe quanto sua mãe foi? E se fosse, será que Antonia seria a próxima? Será que seus pesadelos eram o início, antes de o delírio se instalar?

E ela de repente percebeu: podia até não querer voltar, mas precisava, se quisesse juntar as peças. Se a casa fosse a causa de tudo o que sucedera com a sua família, talvez ela tivesse outros segredos ainda a serem revelados.

— Carmela também vai. — Isso saiu como um pensamento impulsivo porque foi isso mesmo. Se Antonia fosse voltar, ela iria precisar de apoio.

Uma linha se formou entre as sobrancelhas de Carmela. Era injusto, mas não havia ninguém em quem Antonia confiasse mais do que em Carmela.

— Eu, hum, vou? — gaguejou Carmela.

— Obrigada, vocês duas, por fazerem isso. Sei que não é fácil — disse seu *papá*, apertando as mãos de Antonia. A expressão dele vagueou, restabelecida. Antonia forçou um sorriso. — Onde quer que ela esteja, tenho certeza de que isso vai deixá-la feliz e orgulhosa.

Alguma coisa ficou tensa dentro de Antonia. *Não*. Se a casa não tivesse matado sua *mamá*, ela estaria feliz. Se a obsessão dela com aquele lugar não a tivesse levado ao limite, ela estaria feliz. Se El Salto del Tequendama não a tivesse engolido inteira, ela estaria feliz.

Feliz e *viva*.

Mas o único lugar onde ela estava agora era de onde não podia voltar.

A morte.

O que restava para se temer?

20 de enero de 1923

A casa foi retratada no La Gaceta de Santa Fé.

“Com cinco andares, a mansão repousa com robusteza e se espalha por cima do solo andino. Com muros de pedra como um forte e majestosa como sua vizinha imponente, a Cachoeira Tequendama.

“O primeiro piso consiste em duas salas de visitas e o escritório do arquiteto Ricardo. Dois andares acima fica o piso central, que abriga uma cozinha, uma espaçosa sala de estar que pode ser convertida em um salão de festas e um leque de quartos. Os dois andares restantes, com a torre contando como seu próprio andar, são utilizados para quartos adicionais, banheiros, uma biblioteca e outro escritório para a filha de Ricardo, Antonia.”

O porão, a parte que não mencionaram, principalmente porque eu não quis dar nenhum detalhe a eles, era dividido entre a adega de vinhos e cervejas do Ricardo, com barris de madeira importados da Alemanha, e um quarto para mim. Eu queria ficar lá embaixo enquanto a casa estava sendo construída; já me sentia como se estivesse no meu paraíso particular, com a água batendo nas janelas e a cachoeira ainda mais perto.

Enfim, todos estão começando a se instalar. Ricardo está se isolando no seu escritório. Ele ainda tem negócios pendentes na cidade que ele precisa resolver. Têm sido algumas semanas de ida e volta entre a cidade e El Salto, de colocar tudo no lugar. Mesmo assim, caixas de papelão continuam empilhadas alto até o teto de várias das nossas salas. O conteúdo das poucas que desembalamos já estão onde devem ficar. Por esses dias eu percebi que, quando falta aconchego a uma casa, podemos nos tornar excessivamente ligados a coisas materiais. Damos significado a elas, almejando a sensação de conforto e segurança, mas elas são todas tão vazias quanto nós.

Meu quarto, de onde estou escrevendo este diário, está pronto. O altar foi instalado, a marcenaria feita à mão com enfeites dourados para a biblioteca foi

finalizada há apenas alguns dias. Sob a luz fraca das arandelas de ferro penduradas nas paredes, os entalhes brilham, revelando as mais delicadas e intrincadas figuras de serpente, como se estivessem rastejando nas paredes. Quase como se tivessem ganhado vida. Nas paredes também estão os afrescos que passei os últimos meses pintando, a cachoeira foi retratada em muitos deles. Mas minha peça pessoal preferida de longe é uma que representa uma lenda muisca: Bochica, com o cajado dourado penetrando na terra, libertando-a das águas da chuva.

Um calor se instala no meu peito e, pela primeira vez, me sinto inteira. Animada com o futuro adiante. Não vai demorar muito até nossa primeira reunião.

Mas enquanto escrevo sobre este lugar maravilhoso, meu lar, minha mente fica se desviando de volta para a querida Antonia. Mi Nona. Ela é o que mais me preocupa. Recusou-se a dormir no quarto que arrumamos para ela: no primeiro andar, perto da varanda, uma vista grandiosa para a cachoeira. Em vez disso, pediu uma biblioteca só para ela, três andares acima. Diz que o som da água dá medo, e tenho certeza de que ela ainda não deu nem uma olhada na cachoeira. Fica fechada no quarto, às vezes se recusa a sair. Eu a peguei olhando para meus tunjos, roubando alguns quando acha que eu não estou olhando e guardando na sua cômoda. Escondendo.

Eu deixo. Não vejo necessidade de perturbá-la mais.

Em vez disso, dou raiz de valeriana todas as noites para ela, para ver se isso a ajuda a dormir, a se controlar.

Mas minhas tentativas falharam. Antonia acorda com olheiras nos olhos. E às vezes grita de noite.

Ricardo diz que é normal. É a maneira de ela dizer que sente saudades da nossa antiga casa e quer voltar. E apesar de sempre desconsiderar minhas preocupações, talvez ele tenha razão. Ainda assim, queria poder tranquilizar as emoções dela, acalmá-la, consolá-la. Ricardo diz que não é nada além de terror noturno, que vai sumir... nada com que ela não consiga lidar sozinha. E depois de um tempo, Antonia concorda com ele. Tenho certeza de que ela só está tentando aplacar minha preocupação. Ela é obstinada, como eu, então não a pressiono, já que existem outras questões que também requerem minha atenção.

Em meio a essas noites inquietantes, Carmela me informou que têm aparecido visitantes indesejados de vez em quando. A história do lugar sempre os atraiu como moscas. Moradores da cidade, em sua maioria, trazidos pela curiosidade. Mas isso não me preocupa. Estamos aqui agora, e eu sou a protetora deste lugar.